

PREVALÊNCIA DE DOENÇAS OCUPACIONAIS EM PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM: REVISÃO DE LITERATURA

PREVALENCE OF OCCUPATIONAL DISEASES IN PROFESSIONAL NURSING: LITERATURE REVIEW

Rosana Amora **ASCARI**^{1*}, Suiane dos Santos **SCHMITZ**², Olvani Martins da **SILVA**³

1. Enfermeira. Mestre em Saúde Coletiva. Docente da Universidade do Estado de Santa Catarina. Membro do Grupo de Estudos sobre Saúde e Trabalho - GESTRA/UEDESC; 2. Enfermeira. Especialista em Enfermagem do Trabalho pelo Centro Sul Brasileiro de Pesquisa Extensão e Pós-Graduação – CENSUPG; 3. Enfermeira. Mestre em Terapia Intensiva. Professora Assistente da UDESC. Membro do Grupo de Pesquisa Enfermagem, Cuidado Humano e Processo Saúde Adoecimento.

* Rua 14 de Agosto, 807 E, Apto: 301, Bairro presidente Médice. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. CEP: 89.801-251
rosana.ascari@hotmail.com

Recebido em 07/02/2013. Aceito para publicação em 18/06/2013

RESUMO

O objetivo deste estudo é conhecer as doenças ocupacionais prevalentes em profissionais da enfermagem. Trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa, através dos bancos de dados na Biblioteca Virtual em Saúde. No decorrer deste estudo foram encontradas 233 publicações referentes ao tema proposto, sendo utilizados 19 artigos para responder os objetivos. As doenças ocupacionais prevalentes na enfermagem foram o estresse, sendo uma das formas de estresse identificada pela síndrome de Burnout, distúrbios musculoesqueléticos/osteomusculares, depressão, LER/DORT, e transtornos mentais e comportamentais. O trabalhador de enfermagem é muitas vezes acometido por doenças ocupacionais e necessitam de olhares na reorganização de suas atividades laborais.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde do Trabalhador, enfermagem, riscos ocupacionais.

ABSTRACT

The objective of this study is to know the occupational diseases prevalent in professional nursing. It is an integrative literature review, through the databases in the Virtual Health Library. Throughout this study we found 233 publications concerning the proposed topic, being used 19 articles to answer the objectives. The occupational diseases were prevalent in nursing stress, being a form of stress identified by burnout, musculoskeletal disorders / musculoskeletal, depression, RSI / WMSD, and mental and behavioral disorders. The nursing staff is often affected by occupational diseases and need eyes in the reorganization of their activities.

KEYWORDS: Occupational health, nursing, occupational risks.

1. INTRODUÇÃO

Devido a sobrecarga e condições de trabalho, baixa remuneração entre outros, as doenças ocupacionais vem acometendo a cada dia mais trabalhadores, em especial os profissionais da enfermagem, pois os mesmos encontram-se expostos em seu ambiente de trabalho a diversos riscos, como riscos químicos, físicos, ergonômicos, de acidente, biológicos e psicossociais.

Segundo Monteiro *et al.* (2007)¹ os conhecimentos na área de saúde do trabalhador tornam-se atualmente imprescindíveis na formação dos enfermeiros, devido ao aumento da duração na vida no trabalho, ocasionado pelo envelhecimento da população, que tem como consequência a exposição aos riscos à saúde, tendo como consequência maior exposição a ocorrência de acidentes de trabalho.

Segundo Brasil (2001)², a saúde do Trabalhador constitui uma área da Saúde Pública que tem como objeto de estudo e intervenção as relações entre o trabalho e a saúde. Tem como objetivos a promoção e a proteção da saúde do trabalhador, por meio do desenvolvimento de ações de vigilância dos riscos presentes nos ambientes e condições de trabalho, dos agravos à saúde do trabalhador e a organização e prestação da assistência aos trabalhadores, compreendendo procedimentos de diagnóstico, tratamento e reabilitação de forma integrada, no SUS.

A relação entre o trabalho e a saúde/doença exacerbada a partir da Revolução Industrial, e nem sempre se constituiu em foco de atenção.

É considerado trabalhador toda pessoa que desen-

volva uma atividade de trabalho, estando ou não inserido no mercado formal ou informal, inclusive na forma de trabalho familiar e/ou doméstico. É importante colocar que o mercado informal no Brasil vem crescendo cada vez mais nos últimos anos³.

A execução das ações voltadas para a saúde do trabalhador é atribuição do SUS, prescritas na Constituição Federal de 1988 e regulamentadas pela LOS (Lei Orgânica da saúde). O artigo 6º dessa lei confere à direção nacional do Sistema a responsabilidade de coordenar a política de saúde do trabalhador. Além da Constituição Federal e da LOS, outros instrumentos e regulamentos federais também orientam o desenvolvimento das ações neste campo, no âmbito do setor saúde, entre os quais destaca a Portaria/MS 3.120/1998 e a Portaria/MS 3.908/1998, que tratam, respectivamente, da definição de procedimentos básicos para a vigilância em saúde do trabalhador e prestação de serviços nesta área. A operacionalização das atividades deve ocorrer nas três esferas: nacional, estadual e municipal aos quais são atribuídas diferentes responsabilidades e papéis².

Também nos países em desenvolvimento vêm ocorrendo mudanças na legislação previdenciária que levam a prolongação da duração da vida no trabalho. No ano de 2003, no Brasil, a mudança ocorrida na legislação previdenciária do setor público aumentou a idade mínima de aposentadoria para 55 anos para mulheres e 60 anos para homens, além da exigência de 30 anos de contribuição ao sistema previdenciário¹.

Enquanto Saúde do Trabalhador os autores categorizam as cargas de trabalho como biológicas, químicas, mecânicas, físicas, fisiológicas e psíquicas. No ambiente hospitalar, o trabalhador está simultaneamente exposto a mais de uma carga de trabalho, considerando esse processo como progressivo e cumulativo⁴.

Esses processos resultam em absenteísmo, incapacidade temporária ou permanente, o que compromete a qualidade da assistência prestada aos pacientes e a própria qualidade de vida desses trabalhadores⁴.

O trabalhador de enfermagem segundo Pitta (2003) apud Hanzelmann & Passos (2010)⁵ é visto como o profissional que está mais tempo em contato com o paciente, 24 horas diárias, e executa continuamente as ações de saúde neste, o que expõe este trabalhador, em maiores proporções, a estes riscos, visíveis ou não. Esse contato constante com pessoas fisicamente doentes, adoecidas gravemente, com frequência, impõe um fluxo contínuo de atividades que envolvem a execução de tarefas nem sempre agradáveis e repulsivas, muitas vezes, que requerem para o seu exercício, ou uma adequação prévia à escolha de ocupação, ou um exercício cotidiano de adequações de estratégias defensivas para o desempenho das tarefas.

Os riscos que fazem parte do dia-a-dia da enfermagem, quando não bem ajustados pelos profissionais, po-

dem influenciar diretamente na saúde física e mental deste indivíduo, contribuir para desencadear o estresse e interferir negativamente na atividade laboral desenvolvida por este, causando queda na produtividade, desgastes físicos e mentais, absenteísmo, sentimento de incapacidade e insatisfação⁵.

No contexto do Brasil, dentro da discussão do Sistema Único de Saúde e devido à influência do Modelo Italiano, tem-se proposto métodos plurais e criativos para que seja possível o conhecimento das realidades locais e setoriais⁶.

A cada dia então fica mais evidente que as ações na área de saúde do trabalhador passa por, limitações e por muitos impasses. Enfrentá-los é uma tarefa que se torna cada vez mais difícil e que necessita de empenho de centros acadêmicos, instituições públicas e da sociedade civil, particularmente com instâncias organizativas de trabalhadores. Essa tarefa faz parte do compromisso democrático de viabilizar um desenvolvimento sustentável, fundado no resgate da dívida social e na revitalização e revalorização do caráter público do Estado para assegurar a efetividade dos direitos de cidadania⁷.

Segundo Mininel *et al.* (2011)⁴ o comprometimento da saúde dos trabalhadores se torna preocupante para as instituições quando isso reflete na produtividade ou no desempenho do trabalho.

Mas se o meio de trabalho e o produto desse trabalho é o ser humano, que consequentemente sofre, se desgasta, adoce e morre, então ele deve ser a razão pela qual o serviço se estrutura, tanto nos aspectos físicos quanto nas relações pessoais e hierárquicas⁴.

No Brasil, os trabalhadores de enfermagem representam o maior contingente dentre as categorias de trabalhadores que compõe a saúde nas instituições. Entretanto, não têm merecido a correspondente atenção dos gestores, no sentido de manter sua capacidade de trabalho e promover qualidade de vida e saúde⁴.

Atualmente, todos os esforços para combater o adoecimento do trabalhador da área da saúde são extremamente fundamentais, e os estudos que focalizam o estresse ocupacional, os problemas relacionados à saúde física e mental assim como os mecanismos de enfrentamento do estresse têm contribuído para melhor compreensão da situação laboral desses profissionais. Precisa-se haver a conscientização dos gerentes quanto à importância de elaboração de medidas preventivas contra o estresse, para o ambiente de trabalho hospitalar, considerado como altamente estressante e repleto de fatores predisponentes à depressão, à ansiedade entre seus trabalhadores⁸.

Segundo Mininel *et al.* (2011)⁴ o trabalhador no ambiente hospitalar está simultaneamente exposto a mais de uma carga de trabalho, sendo esse processo progressivo e cumulativo e as cargas de trabalho são biológicas, químicas, mecânicas, físicas, fisiológicas e psíquicas.

Contudo observa-se que as doenças ocupacionais afetam não somente a qualidade de vida profissional como também pessoal destes trabalhadores.

Dessa forma, é importante a realização deste estudo para instrumentalizar os profissionais da enfermagem e os gestores de serviços de saúde quanto as doenças ocupacionais prevalentes que pode levar ao adoecimento do trabalhador, por vezes trazendo prejuízos humanos, matérias e sociais. Assim, este estudo poderá contribuir para aprofundar o conhecimento, bem como servir de fonte de estudos aos trabalhadores da Enfermagem, proporcionando uma reflexão sobre sua prática profissional e possibilitando mudança de comportamento.

Nesse contexto, o estudo teve por objetivo conhecer as doenças ocupacionais prevalentes em profissionais da enfermagem através de revisão de literatura.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de revisão de literatura acerca das doenças ocupacionais prevalentes em profissionais da enfermagem.

Para a realização deste estudo foi realizado um levantamento de pesquisas através dos bancos de dados disponíveis eletronicamente na Biblioteca Virtual em Saúde e foram utilizados livros para a revisão da literatura. A população em estudo para responder o objetivo é composta por artigos.

O período de estudo compreendeu os meses de abril à junho de 2012.

Para seleção dos artigos utilizou-se como critérios de inclusão: relevância do estudo, ano de publicação dos artigos dos últimos 6 anos (2006 a 2011) segundo a produção literária nacional, artigos disponíveis em língua portuguesa, com texto completo, *online*, sendo limitado somente para humanos. Como critérios de exclusão inutilizaram-se os artigos que não contemplavam aos itens expostos acima.

Como descritores utilizou-se: Saúde do Trabalhador. Enfermagem do trabalho e Doenças profissionais. Brasil como país de publicação e Português como idioma. Os artigos foram acessados através de consulta em periódicos nacionais de revistas indexadas, estipulando critérios de busca ativa nas fontes de informações reconhecidas nacionalmente. Posteriormente, foi realizada a leitura dos resumos de cada artigo, para verificar se existiam ou não informações pertinentes ao tema proposto.

Os artigos com temática concernente ao estudo foram analisados através de leituras dos seus resumos e posteriormente de seus textos, onde foi realizado: leituras de reconhecimento que verificaram a existência de informações para a pesquisa; leitura exploratória onde se observaram as fontes de dados; leitura seletiva que selecionava os materiais de maior relevância para o estudo e leitura interpretativa que analisava os textos pertinentes para responder ao objetivo. Na busca identificou-se 233

obras, desta foram selecionadas 19 publicações pertinentes ao objetivo do estudo.

A coleta dos dados foi organizada através da construção de planilhas, onde foram registrados os resultados de cada publicação. Os resultados foram apresentados e discutidos numa ordem cronológica crescente. Todas as autorias dos trabalhos foram citadas.

Foram realizados dois passos para analisar as informações encontradas. Na primeira etapa identificaram-se os dados como: localização dos artigos, ano e periódico de publicação, autoria, objetivo do estudo, metodologia, resultados principais. Posteriormente foi realizada uma análise dos artigos, cujos resultados foram resumidos por semelhança de conteúdo, respondendo ao objetivo proposto nesta pesquisa. Os dados encontrados foram disponibilizados em ordem cronológica

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas leituras dos artigos selecionados pelos critérios de inclusão, foram identificadas as seguintes patologias: Estresse em 9 publicações (47,37%), sendo uma destas referentes a Síndrome de Burnout; Distúrbios musculoesqueléticos 4 (21,06%); Distúrbios osteomusculares 2 (10,53%); Depressão 1 (5,26%); LER/DORT 1 (5,26%); Arritmia cardíaca 1 (5,26%) e uma publicação referente à doenças osteomusculares e do tecido conjuntivo e transtornos mentais e comportamentais (5,26%). Quanto ao ano de publicação foram encontradas o número mais significativo no ano de 2008 sendo 6 (31,58%); seguido de 2006 com 3 (15,79%); 2007 3 (15,79%); 2009 3 (15,79%); 2011 3 (15,79%) e 2009 com 1 (5,26%) publicação.

O enfermeiro pode ser considerado como o mediador entre a equipe de enfermagem, os outros profissionais e o cliente/família assistida, buscando o equilíbrio entre as relações desenvolvidas, e isso pode vir a ser um dos fatores desencadeantes do estresse⁹.

Algumas estratégias de enfrentamento desse estresse são utilizadas pelos enfermeiros segundo Silveira *et al.* (2009)¹⁰, entretanto os trabalhadores com *Burnout* podem influenciar o trabalho da equipe comprometendo a qualidade do trabalho, alguns são profissionais que por vezes atuam sozinhos e, no caso do médico e do enfermeiro, são os líderes da equipe¹¹.

Para Batista e Bianchi (2006)¹² o enfermeiro presta assistência em setores considerados desgastantes, devido a carga de trabalho e pelas tarefas realizadas, isso é mais evidente para os enfermeiros de emergência. Referente ao setor da emergência Panizzon *et al.* (2008)¹³ trazem os seguintes dados de sua pesquisa, com relação à percepção dos trabalhadores sobre o nível de estresse na emergência, constata que apenas 1/5 (21,6%) dos indivíduos do estudo não relatam estresse com o trabalho desenvolvido na emergência. Porém, é preocupante o percentual dos trabalhadores (78,4%) que estão traba-

lhando em atividade considerada por eles estressante. Desses, 12 (12,4%) se consideraram muito estressados com seu trabalho na emergência.

Os autores Ferreira & Martino (2006)⁹, Batista & Bianchi (2006)¹² descrevem que a forma de organização da instituição hospitalar tem sua parcela no desenvolvimento de estresse para o enfermeiro, o que certamente interfere na vida pessoal e profissional do indivíduo. O trabalho tem influência direta sobre o bem-estar físico e psíquico do indivíduo sendo que os principais fatores causadores de estresse segundo os mesmos foram a dupla jornada de trabalho, alta responsabilidade, trabalho com pacientes graves, falta de pessoal qualificado e alta demanda de paciente.

De acordo com Manetti & Marziale (2007)¹⁴, Spindola & Martins (2007)¹⁵ as precárias condições de trabalho a que muitos profissionais de enfermagem se expõem, principalmente nas instituições públicas de assistência à saúde, são os fatores geradores de desgaste físico e mental refletindo no mau desempenho das atividades laborais desses trabalhadores. Referem também que os fatores desencadeantes de estresse e/ou depressão são internos e externos ao ambiente de trabalho, trazendo consequências para o trabalhador e/ou a instituição de trabalho.

Paschoalini *et al.* (2008)¹⁵ traz que os efeitos dos agentes estressores apresentam intensidades variáveis em diferentes unidades de um mesmo hospital e que os enfermeiros referem maior intensidade dos estressores ocupacionais, em relação a auxiliares e técnicos de enfermagem. Em contraposição à isto Urbanetto *et al.* (2011)¹⁷ relata em seu estudo que ser técnico/auxiliar de enfermagem, estar há mais de 15 anos no cargo e ter baixo apoio social acarretam maior chance de ter alto desgaste e também em maior risco para o adoecimento.

Os sintomas físicos segundo Farias *et al.* (2011)¹⁸ que caracterizam estresse foram: cefaléia, sensação de fadiga, dores nas pernas e taquicardia. Essas dores sempre apareciam associadas ao estresse emocional ou após atendimentos emergenciais, o que leva a constatar que existe uma grande dificuldade em separar o estresse físico do psíquico.

Santos & Martendal (2008)¹⁹ em seu estudo de caso traz que um profissional de nível técnico de enfermagem desenvolveu adoecimento cardíaco, manifestado pela arritmia cardíaca que provavelmente teve uma contribuição da exposição aos fatores de risco estressores como carga horária e turnos alterados de trabalho por aproximadamente 10 anos de uma vida laboral de 28 horas ininterruptas em estado de vigília.

Para Ribeiro & Fernandes (2011)²⁰ a demanda física e psicossocial no trabalho e as características individuais são fatores associados também aos distúrbios musculoesqueléticos (DME). Em seu estudo relata maior ocorrência em membros inferiores, 65,6%. Porém Magnago

et al. (2007)²¹ relata que tais distúrbios atingem principalmente a região lombar, os ombros, os joelhos e a região cervical e que da equipe de enfermagem, os auxiliares são os mais acometidos por esses distúrbios (82 a 93%). Tal fato, possivelmente, está diretamente associado ao tipo de atividade desenvolvida por esses profissionais, aliado à falta de controle sobre o processo de trabalho deles.

Os distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores de enfermagem são uma realidade por isso os autores Magnago *et al.* (2008)²² contextualizam que o desenvolvimento de distúrbio musculoesquelético é multicausal, sendo indispensável a avaliação dos fatores de risco a ele relacionado, direta ou indiretamente. Entre os fatores de risco, o estresse e os aspectos psicossociais são fatores a serem identificados no ambiente laboral, para a partir disso elaborar-se propostas que visam à construção de ambientes de trabalho mais saudáveis.

Com relação a patologia LER/DORT Rosa *et al.* (2008)²³ diz que conhecer os aspectos que determinam o aparecimento dessa doença relacionada ao trabalho é fundamental para os profissionais de saúde, pois somente assim será possível estabelecer medidas de prevenção e entender por que um profissional pode sentir dor e não apresentar lesões. Para isso é necessário uma abordagem multiprofissional do problema.

Os fatores que favorecem a ocorrência dos DORT são múltiplos, os sintomas característicos de DORT é a dor localizada, irradiada ou generalizada que foi o sintoma mais frequente relatado neste estudo, também desconforto, fadiga e sensação de peso, formigamento, parestesia, sensação de diminuição de força, edema e enrijecimento articular. Além do processo físico, há também o psicológico destes pacientes. Freitas *et al.* (2009)²⁴ e Leite *et al.* (2006)²⁵.

Sancinetti *et al.* (2009)²⁶ em sua pesquisa mostra que as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo representaram 4.957 dias (41,5%) de ausências e os transtornos mentais e comportamentais 3.393 dias (28,4%). Sugerindo também que os profissionais ausentaram-se por doença após terem sido submetidos a ritmos maiores de trabalho.

De modo geral, os estudos apontam fragilidades na saúde dos trabalhadores de enfermagem, sejam eles auxiliares, técnicos ou enfermeiros, variando as doenças laborais e locais de atuação. Contudo, é grande o número de profissionais expostos aos riscos ocupacionais o que levou a um aumento de doenças nos últimos anos.

4. CONCLUSÃO

O trabalho e a saúde do trabalhador são caracterizados por diferentes estágios de incorporação tecnológica, diferentes formas de organização e gestão que entre outras particularidades, refletem no dia a dia dos profissionais.

O estudo evidenciou as doenças ocupacionais prevalentes nos profissionais de enfermagem, com forte evidência da sobrecarga que estes profissionais vivenciam, por vezes vinculadas a dupla jornada de trabalho e a sobrecarga laboral por falta de recursos humanos nos serviços de saúde.

Diversos estudos apontam a relação do trabalho com a saúde. Porém, ainda de forma rudimentar. O contexto laboral necessita de novos olhares e investimentos para preservar a saúde do trabalhador.

Identificou-se no estudo que vários são os fatores que levam o profissional da enfermagem a desenvolver uma doença ocupacional, observou-se também que somente três autores especificaram quais dos profissionais da enfermagem são mais acometidos pelas doenças ocupacionais havendo divergência de opinião entre eles, pois dois referem ser os auxiliares e técnicos de enfermagem e um relata ser o enfermeiro.

Os estudos analisados trouxeram as doenças ocupacionais como uma consequência principalmente da falta de conhecimento por parte de alguns profissionais sobre medidas preventivas no trabalho, alto grau de responsabilidade para a execução do mesmo, dupla jornada de trabalho, carga horária de trabalho elevada, precárias condições de trabalho, forma de organização inadequada da instituição e características individuais do trabalhador. Contudo, demonstra que tanto os profissionais de enfermagem quanto os serviços de saúde precisam passar por adaptações, enfrentamentos e mudanças para minimizar o impacto das atividades laborais na saúde desses trabalhadores.

Somente com novas condutas de todos os envolvidos neste cenário, é que podemos, num futuro, conter o avanço dos agravos à saúde dos trabalhadores, e consequentemente menos custos humanos e financeiros envolvidos neste processo.

REFERÊNCIAS

[1]. Monteiro MS, et al. O ensino de vigilância à saúde do trabalhador no Curso de Enfermagem. Rev Escola Enferm - USP 2007.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342007000200019&script=sci_arttext>. Acesso em 30 de novembro de 2011.

[2]. Brasil. Ministério da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2001.

[3]. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. Cadernos de Atenção Básica nº 5: Saúde do Trabalhador. Brasília-DF: Ministério da Saúde. 2002, p.22.

Disponível em:

<http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_12.pdf>.

Acesso em 06 de jun de 2012.

[4]. Mininel VA, Baptista PCP, Felli VEA. Cargas psíquicas e processos de desgaste em trabalhadores de enfermagem de hospitais universitários brasileiros.

[5]. Rev. Latino-Am. Enfermagem. Ribeirão Preto, mar 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n2/pt_16.pdf>. Acesso em 02 de jun de 2012.

[6]. Hanzelmann RS, Passos JP. Imagens e representações da enfermagem acerca do stress e sua influência na atividade laboral. São Paulo. 2010; 44.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n3/20.pdf>>. Acesso em 02 de dez de 2011.

[7]. Brito J, et al. Saúde das Trabalhadoras: O Caso da Lavanderia de uma Indústria Química de Cloro-Soda. Cad Saúde Pública. Rio de Janeiro. 1995; 11(4):543-51.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v11n4/v11n4a02.pdf>>. Acesso em 15 de dez de 2011.

[8]. Gomez CM, Costa SMFT. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro. 1997; 13.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X199700060003&script=sci_arttext>. Acesso em 06 de jun de 2012.

[9]. Schmidt DRC, Dantas ERA, Marziale MHP. Ansiedade e depressão entre profissionais de enfermagem que atuam em blocos cirúrgicos. 2011.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0080-62342011000200026&lang=pt&tlng=pt>>. Acesso em 18 de nov de 2011.

[10]. Ferreira LRC, Martino MMF. O estresse do enfermeiro: análise das publicações sobre o tema. Rev Ciênc Méd. Campinas, mai/jun 2006.

Disponível em:

<<http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/24566>>.

Acesso em 01 de jun de 2012

[11]. Silveira MM, Stumm EF, Kirchner RM. Estressores e coping: enfermeiros de uma unidade de emergência hospitalar. Rev Eletrônica de Enfermagem. nov 2009.

Disponível em:

<<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n4/pdf/v11n4a15.pdf>>.

Acesso em 02 de jul de 2012.

[12]. Trindade LL, Lautert L. Síndrome de Burnout entre os trabalhadores da Estratégia de Saúde da Família. Rev Esc Enferm USP. jun 2010.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000200005>. Acesso em 01 de jun de 2012

[13]. Batista KM, Bianchi ERF. Estresse do Enfermeiro em Unidade de emergência. Rev Latino-Am Enferm. jul/agos 2006.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000400010&lang=pt&tlng>. Acesso em 30 de

- maio de 2012.
- [14]. Panizzon C, Luz AMH, Fensterseifer LM. Estresse da Equipe de Enfermagem de Emergência Clínica. Rev Gaúcha Enferm. Porto Alegre, set 2008.
- Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/6759/4065>>. Acesso em 03 de jun de 2012
- [15]. Manetti ML, Marziale MHP. Fatores associados à depressão relacionada ao trabalho de enfermagem. dez 2007.
- Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a10v12n1.pdf>>.
Acesso em 02 de jun de 2012.
- [16]. Spindola T, Martins ERC. O estresse e a enfermagem- a percepção das auxiliares de enfermagem de uma instituição pública. Esc Anna Nery Rev Enferm. jun 2011.
- Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n2/v11n2a05.pdf>>.
Acesso em 01 de jun de 2012
- [17]. Paschoalini B, et al. Efeitos cognitivos e emocionais do estresse ocupacional em profissionais de enfermagem. Acta Paul Enferm. jun 2008.
- Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-2100200800030017&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 03 de jun de 2012
- [18]. Urbanetto JS. et al. Estresse no trabalho da enfermagem em hospital de pronto-socorro: análise usando a Job Stress Scale. Rev Latino-Am. Enferm. Porto Alegre, jun 2011.
- Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01041169201100050009&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 30 de maio de 2012.
- [19]. Farias SMC, et al. Caracterização dos sintomas físicos de estresse na equipe de pronto atendimento. Rev Esc Enferm – USP. São Paulo, 45(3):722-9 jun, 2011.
- Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-6234201100030025&script=sci_arttext>. Acesso em 04 de jun de 2011.
- [20]. Santos K, Martendal L. Coping e adoecimento cardíaco em um trabalhador da saúde. Psicol. Argum. out/dez. 2008.
- Disponível em:
<<http://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-527300>>.
Acesso em 04 de jun de 2012.
- [21]. Ribeiro NF, Fernandes RCP. Distúrbios Musculoesqueléticos em membros inferiores em Trabalhadoras de Enfermagem. Rev Baiana de Saúde Pública. jan/mar 2011.
- Disponível em:
<<http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2011/v35n1/a2102.pdf>>. Acesso em 01 de jun de 2012.
- [22]. Magnago TSBS, et al. Distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores de enfermagem: associação com condições de trabalho. Rev Brasileira de Enferm. Brasília, nov/dez 2007.
- Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672007000600015>. Acesso em 01 de jun de 2012
- [23]. Magnago TSBS, Lisboa MTL, Griep RH. Trabalho da Enfermagem e distúrbio Musculoesquelético: Revisão das pesquisas sobre o tema. Esc Anna Nery Rev Enferm. set 2008.
- Disponível em:
<http://www.cean.ufrj.br/revista_enf/20083/artigo%2023.pdf>.
Acesso em 04 de jun de 2012
- [24]. Rosa AFG, et al. Incidência de LER/DORT em trabalhadores de enfermagem. v. 30, 2008.
- Disponível em:
<<http://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-492748>>.
Acesso em 02 de jun de 2012.
- [25]. Freitas JRS, et al. Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em profissionais de enfermagem de um hospital universitário. Revista Eletrônica de Enfermagem. nov 2009.
- Disponível em:
<<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n4/pdf/v11n4a16.pdf>>.
Acesso em 03 de jun de 2012
- [26]. Leite PC, Merighi MAB, Silva A. A vivência de uma trabalhadora de enfermagem portadora de lesão “De Quervain”. Rev Escola de Enfermag USP mar/abr 2007; 15(2).
- Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a10.pdf>.
Acesso em 10 mar 2012.
- [27]. Sancinetti TR, et al. Absenteísmo - doença na equipe de enfermagem: relação com a taxa de ocupação. Rev Esc Enferm USP. nov 2009.
- Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/reecusp/v43nspe2/a23v43s2.pdf>>.
Acesso em 04 jun de 2012.

